

BRASIL-PORTUGAL

1 DE JANEIRO DE 1909

N.º 239

DIRECTOR — Augusto de Castilho.
PROPRIETARIOS — Victor & Lorjé.
ADMINISTRAÇÃO — C. do Sacramento, 14.
COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO — «A Editora», L. do Conde Barão, 50 — Lisboa.

Conselheiros Ferreira do Amaral e Campos Henriques



O ultimo presidente do conselho de ministros e o actual

UM DIA EM FRANCFORT

Na Alemanha, Berlim, a capital, é a cidade do prazer e da política, enquanto Francfort é a cidade da finança e da industria, como Hamburgo é a cidade do trabalho. Se em Berlim predomina o meio official, em Francfort é o meio bolsista que se impõe.

Hamburgo alarga cada vez com mais força a sua expansão commercial, expede ás cinco partes do mundo os productos mais firmes da riquissima e artistica industria allemã e afastando, dia a dia, das suas aguas, centenas de embarcações, conquista a todo o momento



Ariadne, estatua de Damecker no museu Bethmann, em Francfort

novos e largos mercados, enquanto Berlim e Francfort abrem as suas portas á civilização em tudo o que ella tem de mais alegre, de mais divertido, de mais chic e de mais ambicioso, acolhendo com requintes de commodidade e de conforto o estrangeiro estonteado pela ordem e pelo aceso. Mas ha entre estas duas grandes cidades da Alemanha, uma rivalidade que Berlim disfarça bem mas que em Francfort transparece bem visivel em tudo e por tudo, é a rivalidade eterna das cidades ricas com a capital, a lucta constante de usos e costumes antigos que o dinheiro não consegue transformar, com a moderna e empolgante civilização que dá a elegancia, o tom, a arte, a alegria e até a vida. A differença que existe entre a vida das duas é a mesma que se nota entre a suas respectivas illuminações. Basta percorrer ás 11 horas da noite as ruas de uma e de outra para se receber bem nitida a impressão d'essa differencial!

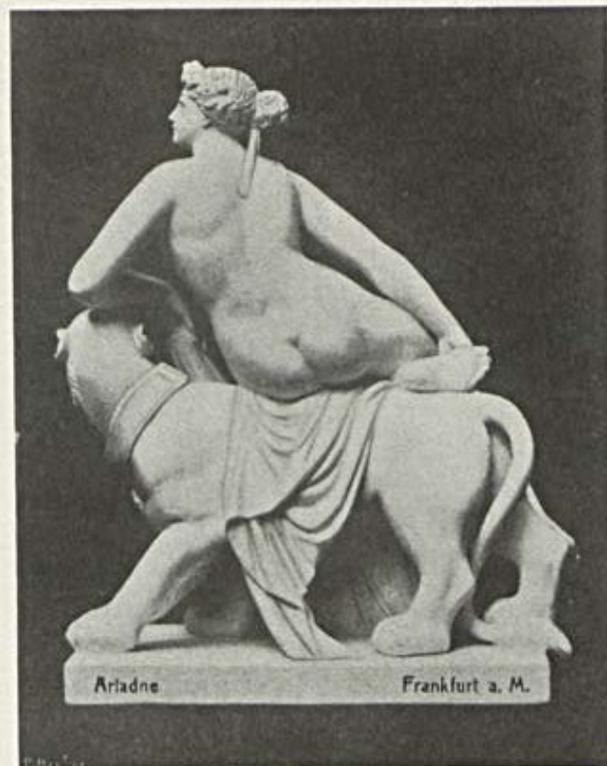
Berlim é hoje a cidade mais bem illuminada da Europa. A luz espalha-se em jorros pelas ruas, surge a todo o instante dos lindos cafés e animados restaurantes, brota das vidraças das casas e das vitrines das lojas, tão intensa e tão forte ás 8 horas da noite como ás tres da madrugada. Se a animação não diminue com o decorrer da noite, a luz tão pouco, o que nos faz perder a noção do tempo. Já não succede isso em Francfort, onde, á meia noite, a electricidade das ruas desaparece, com uma pontualidade mathematica, deixando a cidade quasi ás escuras. Ha uma parte de Berlim sobretudo onde a vida é tão intensa de dia como de noite, é a que torneja da Unter den Linden para a Frederickstrasse, e onde se agglomeram os cafés mais concorridos: o Monopole, o Victoria, o Bauer, o Kaiser Café, o Westminster e tantos outros. Quasi todos occupando lojas e primeiros andares, transformam as suas varandas em estreitos mas longos terrassos, onde mulheres chics e bonitas vão de dia tomar chá ou tomar simplesmente um sorvete, e ver passar gente, especies de vitrines onde se fazem exposições de mulheres elegantes, de todos os feitios e de todas as nações, recreando-se na admiração dos transeuntes, espreitando os olhares dos mais ardentes e os sorrisos dos mais scepticos.

Em Francfort, não pode dizer-se que não haja o uso dos cafés, mas que differença para Berlim! Falta-lhe a vida nocturna que é a que chama o elemento feminino internacional, o tudo das cidades movimentadas e alegres e das estações elegantes e afamadas, esse eterno collaborador da moda, que é o mais admiravel producto da arte moderna! A mulher, foi sempre o collaborador artistico mais apreciado de todos os tempos, fonte inexgotavel do bello, onde vão inspirar-se poetas e pintores, esculptores, e musicos; é ella quem imprime á moda o supremo encanto e a traduz palpitante de interesse, aos nossos olhos; ella quem lhe dá alento e grandeza e, logo que a esquece, a moda some-se envergonhada e pallida. Uma nasceu para a outra, não passam mesmo uma sem a outra porque as duas completam-se. Se a moda deu á mulher a novidade, que é a musa inspiradora dos grandes espiritos, a mulher deu á moda a animação, que é o vivo sentimento das grandes almas.

De todas as manifestações da arte a moda é a mais feliz. Deante de uma thesoura desaparecem pennas, palhetas e cinzeis. No livro a mulher mais formosa é pallidamente descripta na prosa mais brilhante ou nos versos mais inspirados; a tela difficilmente aquece a maior belleza feminina; a plastica não consegue livrar-se da fria concepção marmorea do cinzel; mas digam a uma modista que lhe apresentem o chapeu mais extravagante na cabeça de uma mulher bonita e nova e de balde pedirão ao artista mais afamado que a reproduza com o mesmo calor. Impossivel! Faltar-lhe-ha sempre a vida.

Ha no entanto excepções como em tudo, e sem nos alongarmos em citações das grandes obras, ahí tem os leitores, reproduzida pela photogravura, uma d'ellas. Attentem bem em todos os pequenos detalhes d'essa verdadeira joia artistica que Francfort guarda em cofre precioso, e não se admirarão por certo que apesar de avesso do nosso espirito, nos sentissemos deslumbrados. Concorreu tambem para essa impressão o conjunto do scenario.

Era já tarde. A estatua de Damecker, que tem a sua historia, está hoje no museu Bethmann, isto é, n'um pequeno templo mandado ex-



Outro aspecto da mesma estatua

pressamente construir para ella á entrada dos jardins do grande banqueiro. Lá dentro, a luz entrava já a custo. Sobre uma mesa tosca ardia uma vela, que o guarda acendecera para nos receber, e para illuminar aos nossos olhos de touriste pequeninas *maquettes* da estatua, desenhos, gravuras e photographias. Em frente da mesa estava Ariadne.

— Que pena o sr. não ter vindo mais cedo!

E o dedo do guarda fez girar á roda a estatua, para admirarmos bem todos os detalhes, á unica luz que entrava pela janella ao pé. Ariadne meia deitada sobre o lombo de uma panthera dá no bem mo-

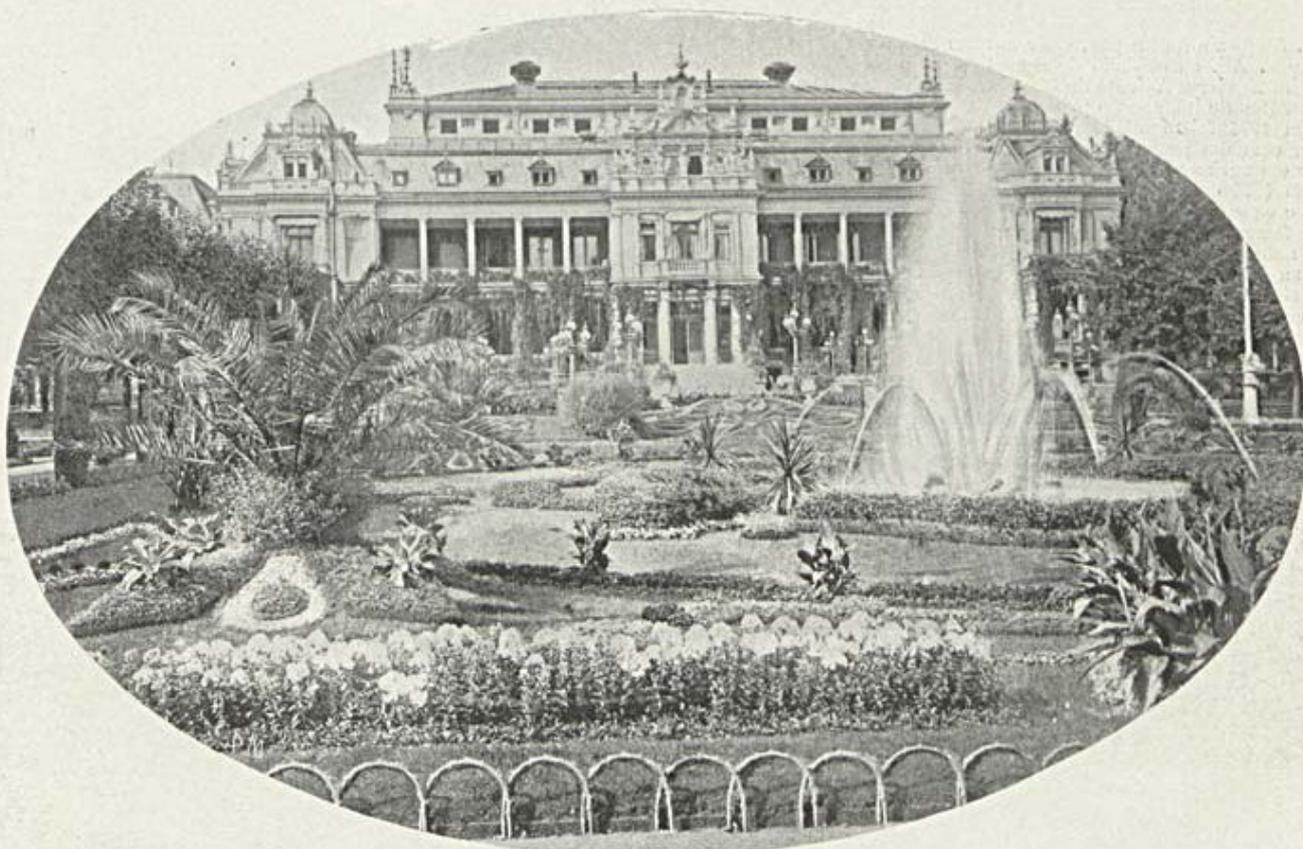
dulado do pescoço, na sua expressão phisionomica, na flexibilidade rigida dos seios, no traçar natural da perna, em tudo, a sensação da carne. E quando, recebida essa impressão real, se olha para o monstro mythologico que a conduz, e se destrinça nitida toda a variedade de tons, é que se sente bem a força do artista que a esculpiu.

Não admira. Elle pertenceu a essa pleiade extraordinaria dos grandes homens que no principio do seculo passado deram á arte e á litteratura allemã um grande predomínio sobre o mundo culto, atravez a sociedade de Weimar. Não chegou a viver lá o celebre esculptor, como Schiller e Gœthe, mas condiscipulo do primeiro e amigo do ultimo, forçosamente no seu cerebro haviam ter tido influencia as obras dos dois. Elle foi tambem um poeta na esculptura. Basta lembrar o episodio curioso dos seus tres sonhos, após noites de insomnia horrivel, quando o Christo lhe appareceu. A terceira noite, a visão do apparecimento nocturno não o largava; levantou-se e obediente ao seu pensamento modelou em terra a estatua de Christo. De ma-

algumas das curiosidades que nos eram recommendadas em um pequeno e amavel aviso impresso. A tarde estava bonita, e o outubro que se approximava apenas lhe temperava os ultimos raios de um sol quente. Fomos até o jardim das Palmeiras.

A porta compra-se um bilhete. Em frente, como se poderá ver da gravura que acompanha este artigo, eleva-se um grande palacio.

Um museu? Um hotel? A casa de algum capitalista rico? Não senhor. Esse palacio é apenas o Café do jardim. Parece a moradia senhoril de algum nababo de bom gosto, rodeado de jardins, mas não é. Aos pés d'esse palacio, n'um pequeno terraço superior ao jardim, e fazendo parte d'elle, espalham-se mesas e cadeiras. E' ahi que as mamãs de Francfort vão passear os seus filhos, as instrutrices chics as suas educandas, as amas rosadas e louras os seus *babies fortes*; ali, onde se reúnem do meio dia ás quatro, familias e namoros, ouvindo boa musica; ali, onde se toma o chá das cinco horas e a cerveja de todos os instantes; ali finalmente, onde se vê desfilar uma cen-



O jardim das Palmeiras, em Francfort

nhã chamou um pequenito de sete annos e levou-o em frente da sua obra.

— E' o redemptor! exclamou o pequeno.

Dezoito annos o prendeu esta obra—uma estatua colossal—que só terminou em 1824 e que provocou a mais viva discussão entre os criticos de Vienna e os de Berlim. Afinal foi o czar Alexandre I quem a comprou e hoje o grande Christo admira-se em S. Petersburgo, na qual o esculptor não pensava decerto quando teve o sonho. Verdade seja que tambem não foi em Francfort que Damecker pensava ao esculpir a sua Ariadne. Era a Stutgard, onde nascera, que elle a destinava, mas um attricto se levantou para a realisação do seu ideal:—o preço. Acharam-n'a cara e rejeitaram-lhe a obra. O artista desalentado e pobre foi vendel-a então por vinte e cinco mil francos—a bagatella de quatro contos e quinhentos—a um banqueiro de Francfort, de nome Bethmann, sujeito de bom gosto e generoso que se não limitou a reservar para si e para os seus o goso de a admirar, e antes quiz proporcionar aos habitantes de Francfort, e a toda a gente que por lá passa, esse indefinivel prazer.

Não é o unico que nos deu Francfort mas é o mais intenso. D'essa tarde muitas outras recordações boas guardamos. Depois de um grande banquete de 600 talheres dado no primeiro hotel, o grande hotel Francfort, pelo primeiro jornal que é hoje um potentado na imprensa allemã e que foi sempre um valioso arbitro na finança europea, a *Gazeta de Francfort*, sahimos á pressa para ver, ainda que rapidamente,

tena de touristes, de Baedeker em punho, e bilhetes postaes na algibeira.

Este jardim das Palmeiras é, como são todos os jardins na Allemanha, um verdadeiro primôr. Parecem parques particulares onde raramente passa alguém, tão varridos andam sempre que se diria o proprio outomno ter aberto para elles uma excepção no cahir da folha. Ali, se as folhas cahem, desaparecem do chão, por milagre, tão perfeito e completo é o serviço de limpeza.

Mas o jardim das Palmeiras em Francfort é ainda digno de se admirar pela variedade da cultura, pelo esmero do plantio e ainda pela porção abundante e valiosa das especies não só de palmeiras como ainda das plantas que se criam em grandes estufas. Em cinco d'ellas entrámos e em cada uma fomos encontrar uma temperatura diferente, conforme o genero de plantas que ellas encerram! São viveiros interessantissimos, escolas muito curiosas de flora, onde ha muito que admirar e muitissimo que aprender sobretudo para nós portuguezes, filhos de um paiz, onde a flôr abunda, se cria, cresce e se desenvolve ao vigor da natureza, sem que o homem a aperfeicoe, a eduque e a estime, para fazer d'ella, como podia, uma fonte boa de receita.

Na Allemanha ha o que falta entre nós, o culto da flôr, indispensavel requisito para fazer depois da flôr um commercio!

João Costa.

NOTAS BIOGRAFICAS

DE

D. Matheus d'Oliveira Xavier

Bispo de Cochim

Nasceu a 14 de outubro de 1858, na povoação do Valle da Urra Fundeiro, solar antigo da família «Oliveira», via paterna, — freguezia da Villa do Rei, districto de Castello Branco, diocese de Portalegre (antigamente de Castello Branco).

Foram seus paes Joaquim de Oliveira Braz e Maria Joaquina de Oliveira (o appellido «Oliveira» é commum a ambos os progenitores por suas respectivas familias).

Desde tenros annos foi levado (como seus irmãos) para a Fundada, freguezia limitrophe, onde haviam fixado residencia seus avós paternos. Ali, ao cuidado de seus tios padres João e Sebastião de Oliveira Xavier e Aniceto de Oliveira, solteiro, recebeu os primeiros rudimentos de instrucção primaria.

Em 1871 foi mandado para a proxima villa da Sertã a estudar latim, com um professor official da referida lingua, como então os havia em varias villas do reino.

Em 1874 entrou no seminario de Santarem, onde em tres annos cursou os estudos preparatorios e depois a theologia.

A fazer tempo para ser ordenado, pois terminou o curso theologico antes dos 22 annos, e a repetir alguns preparatorios para entrar na Universidade, foi para Castello Branco em outubro de 1879 com seus irmãos, dos quaes se constituiu mentor nos estudos. (Dois de seus irmãos, Joaquim e Sebastião, ordenaram-se; e dois formaram-se: Aniceto em mathematica e medicina, e José em medicina).

Em outubro de 1883 matriculou-se em theologia na Universidade de Coimbra, cursando com distincção, e concluindo a sua formatura em 1888.

Em outubro do mesmo anno, entrou como professor de sciencias ecclesiasticas e preparatorias para o collegio das Missões Ultramarinas em Sernache do Bomjardim, muito perto de sua terra natal. Ali continuou durante cinco annos, ao fim dos quaes, ou por tendencia natural para as missões, ou porque esta tendencia se lhe desenvolvera na educação dos jovens missionarios, ou fosse por que fosse, resolveu acompanhar para a India o fallecido patriarcha das Indias D. Antonio Sebastião Valente, primeiro como seu secretario,



D. Matheus d'Oliveira Xavier
Bispo de Cochim

depois como reitor do seminario. Foi por isso nomeado missionario do real padroado, na India, por portaria de 7 de novembro de 1893, e no fim d'esse mesmo anno seguiu ao seu destino.

Em junho de 1894, que é na India o começo do anno lectivo, tomou conta do espinhoso cargo de reitor do seminario de Rachol, onde desenvolveu a energia bastante para remodelar aquelle estabelecimento de ensino material, moral e scientificamente. Coordenou

A CATHEDRAL DE COCHIM



Frontispicio posterior e sacristias

os estatutos por que actualmente se rege aquelle instituto, que sem lisonja rivalisa com os melhores do paiz e do estrangeiro. No seu tempo ali foram introduzidos os graus academicos de bacharelato em theologia, por Breve Pontificio, reconhecido pelo governo.

Estava no melhor da sua obra, quando por fallecimento do bispo de Cochim, D. João Gomes Ferreira, que fôra um grande missionario, o nomearam bispo de Cochim.

O fallecido patriarcha das Indias e o grande patriota e homem de Estado, Barros Gomes, então ministro da marinha, promoveram a nomeação. O interessado só teve conhecimento do caso quando estava já nomeado! E não havia retroceder. Com tal pressa se andou que fallecido em Goa o bispo D. Gomes Ferreira em 4 de maio de 1897, em 23 de junho seguinte era assignada a carta régia de apresentação do bispo D. Matheus de Oliveira Xavier, — o que é muito, attentas as distancias e tramites que taes nomeações correm.

Em 11 de outubro confirmou o santo padre Leão XIII a nomeação; e como as respectivas bullas, só tarde chegassem á India, a

numero d'esta Revista. E' em estylo não definido, — uns laivos de manuelino com imitações de construcções indianas, mas perfeitamente em harmonia com o gosto hodierno indiano; essencialmente pratica a disposição interior.

Tem 3 naves — a do centro mais alta (48 pés inglezes as paredes lateraes) firmadas em columnas quadradas de granito com arcos e sobre-arcos (motivo indiano), as lateraes mais baixas e mais estreitas. Largura das tres naves, uns 50 pés. Comprimento desde o altar-mór á porta principal 150 pés. As torres medem 200 pés de altura. Das naves lateraes sobresaem 2 capellas accessorias. As sacristias ficam por detraz do altar-mór. Todas as ornamentações interiores são em alvenaria e ferro, á excepção do camarim do altar-mór, da cadeira episcopal e do pulpito que são de teca em magnifica obra de talha.

As pedras superiores dos altares são de uma só tabua de marmore da Italia, bem como de marmore é o pavimento das capellas lateraes. O resto do pavimento é de ladrilho mosaico. O pavimento

A CATHEDRAL DE COCHIM



O interior da cathedral visto da porta principal

sagração episcopal só se realizou a 30 de janeiro de 1898, na Sé de Goa, pelo fallecido patriarcha D. Antonio Valente. Entretanto até esta data o novo bispo continuou no seu posto no seminario de Rachol.

A 5 de março de 1898 foi a sua entrada solemne e tomou posse da diocese de Cochim. Mas como? N'um barracão de madeira coberto com folhas de palmeira! E este, carcomido nos postes, que o seguravam ao solo, veio a terra tres mezes depois!

Ao lado jazia um montão de ruinas, em confusão, — eram os escombros da nova cathedral, que o bispo D. João Gomes começara a edificar, e que veio a terra, quando estava coberta já a nave central, n'uma noite de tempestade, 14 de abril do anno antecedente. O santo bispo, diz-se, já de saúde muito abalada não pôde ser superior ao embate, partiu para Goa, e ali falleceu, vinte dias depois do desastre!

Encontrou-se assim o novo bispo sem Sé; e para cumulo os christãos de varias egrejas revoltados por questões de castas; e aquellas fechadas! Os seus primeiros cuidados pois, foram apaziguar os christãos, abrir as egrejas, e tratar de levantar a cathedral. Dinheiro porém não o tinha! O seu antecessor havia gasto na cathedral e no seminario umas 38.000 rupias, que o governo de sua magestade déra para taes fins.

Não obstante, poz mãos á obra confiado na Providencia. Nada pediu ao governo. E emfim a cathedral nova e em novos moldes surgiu das ruinas! São d'ella as gravuras que vêem no presente

do santuario eleva-se um metro acima do resto, e é isolado com gradarias de ferro, — de proposito para evitar o accesso ao povo, receber a ventilação das janellas fronteiras, e andar-se á vontade nas solemnidades religiosas. Por falta d'estas disposições em algumas egrejas da India abafa-se e têm-se syncopes. Na Cathedral de Cochim tudo foi previsto.

A primitiva planta da Cathedral foi a pedido do Bispo Ferreira dada por um padre francez, P.^e Bonnel, da Companhia de Jesus, bom architecto, então missionario do Malabar. Esta planta, porém, soffreu algumas modificações na reconstrução. Emfim, começada a reconstrução da Cathedral em fins de 1898, foi esta aberta ao serviço divino com o *Te-Deum* pela coroação do Pontifice Pio X, em 9 de agosto de 1903, e solememente sagraada em 19 de novembro de 1905, com a assistencia do fallecido Patriarcha das Indias, Bispos seus suffraganeos e outros bispos visinhos, n'um total de onze Prelados.

Custou toda a fabrica um laque de 100.000 rupias, ou sejam uns quarenta contos da nossa moeda. Mas um engenheiro inglez que a visitou e admirou depois de concluida, declarou não a poder fazer por menos de dois laques, e só acreditou no custo real quando se lhe mostrou o livro das contas.

Toda a obra foi feita por artistas indianos, sob a direcção e vigilancia constante do Prelado e de seu irmão e secretario P.^e Sebastião d'Oliveira Xavier, que foram realmente os architectos, e exe-

cutores de todas as obras, delineando planos, tomando medidas, realisando contractos de material, etc., etc. Quantas vezes o bom do Prelado foi visto, de batina arregaçada, sujo de cal, de metro e esquadro em punho, no alto dos andaimes, dirigindo pessoalmente as obras! O mais rude, porém, do trabalho competia, pela natureza das coisas, ao irmão, secretario!

..

Além das obras da cathedral outra obra não menos importante lhe chamava a atenção, — a obra da instrucção. Na India, para combater a influencia protestante e obter prestigio entre as gentes nativas, as missões catholicas tiveram de arcar com o difficil e dispendioso encargo da instrucção, — o que o governo inglez habilmente aproveitou e com interesse economico para o Estado. O bispo Ferreira tinha começado, era necessario proseguir.

O nivel e categoria das escolas foi levantado. As escolas menores foram elevadas a «High Schools», ou seja Lyceus, com quinze a vinte professores e um curso completo de preparatorios, onde são feitos todos os exames até ao de sahida, chamado *matricule*, porque habilita para o ingresso nas Universidades indianas. Estas escolas tem o caracter de officias, estão aggregadas á Universidade de Madrasta e recebem um subsidio do governo inglez, quando nas devidas condições. Para isto é preciso ter edificios proprios e pessoal officialmente habilitado, — o que custa muito dinheiro. Só em edificios tem o actual bispo gasto mais de 50.000 rupias!

Na India ingleza as igrejas e corporações ecclesiasticas tem capacidade juridica para possuir moveis e immoveis.

Assim, muitas igrejas da diocese possuem fundos e terras e propriedades, com cujas rendas se faz face á manutenção do culto e escolas, sustentação dos missionarios, etc. Por incuria, porem, de superintendencia, falta de Prelado durante longos annos, luctas de jurisdicção, autos de concordata, os christãos *habituarum-se* a governar e administrar, elles só, os bens das suas igrejas, sem se importarem do Vigario, nem do Bispo, em muitos casos. A tudo chamavam *seu*. Foi preciso pôr um termo a este anomalo estado de coisas, e reivindicar para a auctoridade ecclesiastica a boa administração dos bens ecclesiasticos. Houve resistencias, luctas, revoltas. Foi preciso em varios casos recorrer aos tribunaes civis para o effeito de reivindicações de propriedades e administração. O Bispo viu-se em serias difficuldades, teve de dirigir com muita habilidade as questões dos tribunaes, porque nem o codigo inglez reconhece *per se* a legislação ecclesiastica, nem os advogados sabiam lidar com o direito canonico, nem os juizes por vezes sabiam como orientar-se!

Foi este um dos trabalhos mais arduos para o Bispo e mais cheio de incertezas. Demais, alguns juizes eram gentios. Mas, enfim, depois de varias sentenças e appellações, venceu em toda a linha! As commissões parochiaes são hoje todas nomeadas pelo Bispo, sob a presidencia do missionario, e as contas todos os annos approvadas pelo Prelado. Está assegurada a boa administração das temporalidades da Diocese.

Bispos que assistiram á sagração da cathedral de Cochim, em 19 de novembro de 1906



Mangalore Frichur Verapoly Cochim Goa Meliapor Damão Coimbatore Ernaculam

A diocese conta actualmente em Cochim uma *H. School* para rapazes com trezentos alumnos, outra para raparigas com duzentas alumnas; em Allappé, segunda cidade da diocese, além do Seminario uma *H. School* annexa com uns quinhentos alumnos e uma *Middle School* para raparigas com umas duzentas alumnas. Todas estas escolas são dirigidas por congregações religiosas, e estão inteiramente a cargo da diocese e sob a immediata superintendencia do bispo. Além d'isto a diocese subsidia outras escolas menores, de varias categorias, a cargo das igrejas; d'estas ha actualmente em toda a diocese oitenta e cinco escolas, algumas tambem subsidiadas pelo Governo, e sob a direcção dos respectivos missionarios.

Como se sustentam todas estas instituições? — *Deus providebit!*

A este respeito conta-se o seguinte: o bispo veraneava em Alva, o irmão secretario ia a cada passo a Cochim onde seguim com força as obras da cathedral: um dia, ao voltar, de semblante carregado, saudou n'estes termos o irmão bispo: — Esvasiei todos os cofres a cargo da diocese: *bits* (contas) a pagar a operarios, etc., 1.500 rupias; trago aqui 20 rupias para comermos até que haja mais; quem não tem dinheiro não se mette em obras! — O bom do bispo só pôde responder: *Deus providebit!*

Realmente, no dia seguinte, o bispo recebia uma carta em que um inglez, amigo seu, lhe mandava um cheque de 2.000 rupias, e promessa de mais 4.000 para as obras diocesanas! Estava salva a patria!!!

Outro objecto de grandes cuidados para D. Matheus foi a administração temporal das igrejas e missões.

E hoje, igrejas que ha dez annos nada possuíam, tem quasi o sufficiente para se manterem e ás suas escolas e instituições!

No meio de todas estas occupações não descurou D. Matheus a visita á sua Diocese. Durante o seu governo, passante de 10 annos, trez vezes visitou pastoralmente a sua Diocese, d'uma extremidade á outra, sem ficar igreja ou capella que de cada vez não inspecionasse, demorando-se por vezes mais d'uma semana em cada igreja, segundo as necessidades a que providenciar. Esta visita é ardua e incommoda em barco atravez de canaes, pantanos, arrozais; ou em palanquim, aonde não chega o barco, atravez de areiaes e palmares. Estradas poucas ha, porque a via fluvial é a unica por enquanto pratica. E' penosa ainda a visita porque é preciso ir como quem de casa mudasse, com creados, cosinheiros, pertences de cosinha, de quarto de cama, etc., alguns comestiveis e agua potavel que nem sempre se encontra. Por vezes tambem se atravessam riachos ás costas de pessoas. N'uma d'estas passagens foi uma vez o Bispo protagonista d'uma scena bastante comica. Sobre uma ria, por onde devia passar a comitiva episcopal, lançaram os christãos uma ponte de occasião, — troncos de palmeira espetados na vara em duas idas, ligados entre si por outros troncos e tabuas de travez, tudo preso com cordas de coiro (fillaça de coco) apenas. O Bispo ia de palanquim, já em habitos pontificaes para entrar solemnemente na igreja da outra banda, seguido de innumeravel multidão. Por precaução apeiou-se, ordenando que não invadissem a ponte antes d'elle passar. Foi muito bem até uns tres quartos do caminho; n'esta altura a multidão precipita-se, o Bispo e tudo se enterra no viscoso lodo! Por fatalidade o palan-

quim ficara do outro lado, e o Bispo coberto de lodo até á cinta, ainda teve de andar meio kilometro a pé até á residencia da missão! Mas não houve novidade, tomou banho, mudou de roupa, fez a entrada solemne na igreja, disse missa, etc., como se nada acontecesse.

Na visita pastoral o Bispo trabalha como qualquer missionario, prega, confessa, administra sacramentos, etc. Até administra justiça entre partes litigantes, e resolvem-se assim innumeradas questões. Estas decisões são muitas vezes por escripto, em forma de despacho; e é notavel, os tribunaes confirmam estas decisões.

Na ultima visita pastoral o Bispo administrou por si 7.968 confirmações, 30.710 communhões e 309 baptismos de pagãos. Em geral o numero de christãos na Diocese augmenta annualmente, por conversão e excesso de natalidade sobre a mortalidade, umas 2.000 almas (progressão geometrica) actualmente.

A população christã era em fim de 1897 de 98.000 almas, n'um total de cerca de 300.000: isto é, a terça parte da população é catholica. E' a maior percentagem, em todas as Dioceses da India, sem exceptuar Goa, tomada no seu conjunto.

Acontece porem que o cholera vem de quando em quando reduzir a progressão e augmento da christandade. Na ultima epidemia que devastou o Malabar, a Diocese de Cochim perdeu mais de 3.000 christãos, inclusive 3 missionarios, que cahiram no campo da batalha, ministrando os cholericos. Por esta mesma epidemia foi o Bispo surpreendido em plena visita pastoral no interior. E no meio dos cholericos se demorou até que abrاندasse a epidemia, dando ordens para socorrer os enfermos, etc. Por fim tambem elle cahiu, se não de cholera, ao menos d'uma cholera infectiosa, que o fez partir a toda a pressa para a patria, onde soffreu immenso durante 17 longos mezes, chegando por vezes a estar em perigo de vida!

Hoje, completamente restabelecido, prepara-se para regressar de novo a sua cara India, e se não tivessem sobrevindo os acontecimentos politicos d'estes dias, que vieram por assim dizer paralisar todos os negocios do Estado, á hora de sahir este numero do *Brasil-Portugal*, estaria arcebispo de Goa, patriarca das Indias, o sr. D. Matheus d'Oliveira Xavier.

O ministro da marinha, que ha poucos dias deixou de o ser, tinha a peito o galardoar por esta forma justissima tantos serviços prestados á Igreja e á patria. Não o permitiu infelizmente a ordem dos acontecimentos politicos que, sobrevindo tumultariamente, deixaram por assignar nas pastas ministeriaes, decretos da mais alta importancia.

Todavia o que não poude agora fazer-se, far-se-ha, estamos certos d'isso, e dentro em breve, porque o actual titular d'aquella pasta não deixará de reconhecer, como o seu antecessor, que ninguém melhor que o bispo de Cochim esta nas condições de ser investido naquella elevada hierarchia ecclesiastica.

ASSUMPTOS RELIGIOSOS



S. Joaquim

(Esculptura em madeira, de J. Fernandes Caldas e pintura de Albino Barbosa)

Fanfarronada

O conde de Stair, quando se achava ministro plenipotenciario do rei de Inglaterra, na Hollanda, dava, com frequencia, brillhantes festas, para as quaes convidava os outros membros do corpo diplomatico estrangeiro, os quaes lhe correspondiam, convidando-o cada um para as funcções que dava.

Um dia em que todos se achavam reunidos no palacio do embaixador de França, este, alludindo á divisa de Luiz XIV, brindou ao sol nascente.

O embaixador da Russia fez, em seguida, um brinde á lua e ás estrellas fixas.

Todos esperavam ver porque modo faria o conde de Stair a saude a seu amo: ergueu-se então o orgulhoso filho da soberba Albião, com o copo na mão e pronunciou estas palavras:

— Brindo a Josué, que fez parar o sol, a lua e as estrellas.



Lourenço do Casal Ribeiro

1.º vencedor no concurso hippico realisado no Porto por occasião da visita de El-Rei

O leão vencido pelo homem

Poz-se em venda uma pintura
Onde estava figurado
Leão de enorme estatura,
Por mãos humanas prostrado.

Mirava a gente com gloria
O painel; eis senão quando
Um leão, que ia passando
Lhe diz: é falsa a victoria.

Deveis o triunfo vosso
A' ficção, blasonadores
Com mais razão fôra nosso
Se os leões fôsem pintores.

Condes da Feira

A muitos membros da familia dos Pereiras, de quem descendiam os condes da Feira, deve Portugal assignalados e relevantissimos serviços.

Não é a vaidade que nos impelle a dar noticia d'alguns d'esses serviços e de alguns membros d'essa familia, notaveis pelas suas nobres e heroicas acções, mas sim a vontade de despertar, em quem tenha a precisa competencia, o desejo de ir buscar aos largos dominios da Historia as acções praticadas

virtuosos, aos valentes que se devotaram pelo amor da patria, pelo amor do justo.

A virtude, segundo um celebre escriptor, tem muitos prégadores mas poucos martyres, sendo ella, como diz Jung, no homem, em que tudo é mortal, a unica coisa que é immortal.

Deve prestar se aos que foram bons o merecido preito que despertará, na posteridade, o desejo de os imitar, estabelecendo-se assim como que uma cadeia de boas acções, porque a posteridade *nous traitera comme nous avons traité nos aieux.*

E' muito remota a fundação da villa da Feira, constando de documentos antigos que a povoaram, pelos annos de 990, o duque



Villa da Feira. — Casa dos Condes da Feira, onde actualmente está a Camara e onde estiveram o tribunal e a cadeia

por alguns dos seus descendentes e trazel as envoltas nas galas d'um estylo sublime, joieiradas e passadas pelo crisol d'uma critica abalisada e segura, á contemplação dos que teem, n'este tempo de egoismo e estultas pretensões, acolitadas por balofas prosapias de virtudes refalsadas, o culto que se deve render aos bons, aos

Mem Guterres e o conde Mem Lucidio, juntamente com os senhores de Marnel, todos muito chegados, em parentesco, aos reis de Leão.

Conhecida por *Terras de Santa Maria* era esta Terra da Feira, em cujo termo houve os primeiros *Infanções*.



Villa da Feira. — Ruinas do palacio dos Condes da Feira e porta do Castello (Clichés da photographia Evaristo).

“Ha um livro na camara d'esta cidade de Lisboa em que estão alguns privilegios concedidos por el-rei D. João I aos cidadãos d'ella, os quaes privilegios se derivarão por especial graça às cidades do Porto, Braga e Guimarães, nos quaes se falla por este modo e se declara que aquelles *Jufanções* participassem as mesmas

lhes chama *Camões*, que principiaram a preparar esse enorme acontecimento que inspirou os seguintes versos:

Cessem de sabio grego e do troiano
As navegações grandes que fizeram;
Calle-se de Alexandre e de Trajano
A fama das victorias que tiveram;
Que eu canto o peito illustre lusitano,
A quem Neptuno e Marte obedeceram,
Cesse tudo o que a musa antiga canta,
Que outro valor mais alto se aleanta.

Ao lado do Throno do Principe de Boa Memoria vemos varios membros da familia dos Pereiras que sempre o acompanharam e aos seus descendentes, d'essa familia que é tronco de todos os reis da Europa, como a Historia e a legenda tumular, que cerca o monumento funebre em que repousam os restos mortaes de um grande prelado portuguez, nos affirmam.

“Foi (Alvaro Pereira) da grande casa dos Pereiras, da qual é ramo augusto o real de Bragança. O conde D. Gonçalo Pereira teve,



Villa da Feira. — Uma das entradas do antigo palacio dos Condes da Feira

honras e privilegios que tinham os *Jufanções* antigos da Terra de Santa Maria.

Tambem por alli dominaram os arabes e consta que o seu castello o tomara o conde D. Henrique.

Varias lendas cercam, com a sua atmospheria poetica, este monumento que, segundo se lê na *Monarchia Lusitana*, foi dado em arrhas pelo grande rei D. Diniz a sua esposa, a rainha Santa Iza-bel, por esse grande rei que amou e fomentou a agricultura, por esse rei que *poctou e leu* e fundou a Universidade de Coimbra, por esse rei, quiçá um propheta, que mandou semear o pinhal de Leiria, onde se creou a madeira de que foram feitas as caravellas que levaram os ousados navegadores, que *passaram além da Taprobana*.



Villa da Feira. — O castello e um trecho do velho palacio dos Condes da Feira



Villa da Feira. — Entrada da capella dos Condes da Feira

(Clichés da photographia Evaristo).

As descobertas e conquistas, iniciadas pelos portuguezes, são o maior acontecimento que á posteridade é dado contemplar e que não só influíram nos destinos do nosso paiz, mas tambem nos da Humanidade.

Foi o Mestre d'Aviz e seus filhos — os *incritos infantes* — como

entre outros filhos, a Ruy Gonçalves Pereira; d'este foram filhos Ruy Pereira — o Bravo —; e este Alvaro Pereira eleito marechal da hoste n'estas mesmas cortes de Coimbra; tambem foi senhor da Terra da Feira, casou com D. Mecia Vasques, filha de Vasco Martins Pimentel do qual nasceu, entre outros, João Alvares Pereira, casado com D. Leonor de Mello, filha de Gonçalo Vaz de Mello, senhor da Castanheira e d'estes procederam os condes da Feira.

Os Pereiras teem por armas, em campo vermelho, uma cruz de prata florida, vasia de campo, e por timbre uma cruz vermelha florida vasia, entre dois côtos d'azas de anjo.

São de Garcia de Resende os seguinte versos que se referem a essa cruz:

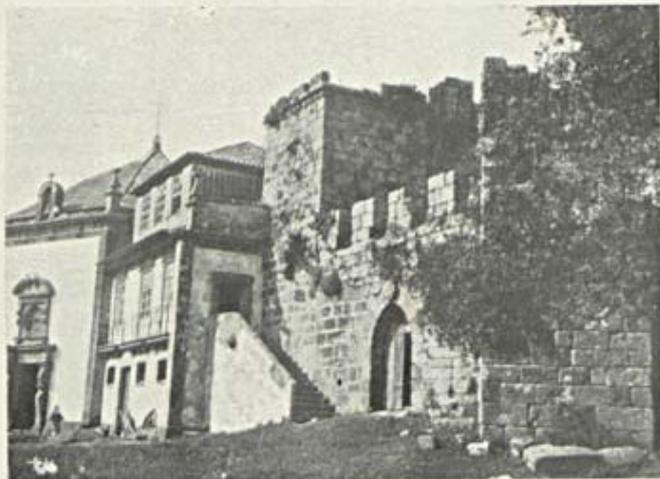
A veira cruz verdadeyra
joya de nosso tesouro
que apereço ao rrey Mouro
per mylagre na pereyra
da vyctoria certo agouro,
Em tytolo de valya
florece oje este dia
antre a montanha & o mar
em Cambra, Feira & Ovar
terra de Santa Maria.

Ruy Pereira, tio do condestavel Nuno Alvares Pereira, valerosamente se bateu com a frota castelhana, no porto de Lisboa. É notavel a manobra que elle ahí executou e que deu ás galés portuguezas a vantagem que elle desejava, custando-lhe, porém, isso a vida.

Camões allude a este feito, nos seguintes versos

Mas olha Ruy Pereira que co' rosto
Faz escudo ás galez, diante posto.

O mesmo tomou parte na morte do conde Andeiro.
Fernão Lopes, quando fala *das muheres* que el-rei D. João I.^o escolheu para *guardar e servir* a rainha D. Filippa de Lencastre,



Villa da Feira. — Entrada do castello
(Cliché da photographia Evaristo).

aponta entre outras, D. Biringueira Nunes Pereira, filha de Ruy Pereira que morreu na peleja das naus ante Lisboa, mulher que foi de Vasques Corrêa, Biatriz Pereira, filha de Alvaro Pereira, marchal já finado, mulher que foi de Martin Vasques de Resende e Leonor Pereira, sua irmã lidima que foi casada com Gomes Freire. Junto do leito d'el-rei D. Manuel, moribundo, estava um conde da Feira.

Sendo prior geral do mosteiro de Santa Cruz de Coimbra um filho dos condes da Feira, mostrou ter pela instrução o maior interesse, pois, fazendo lhe el rei D. João 3.^o o pedido que consta da seguinte carta, logo o mandou satisfazer: "Padre prior geral. Eu el-rei vos envio muito saudar. Eu mando hora assentar n'essa cidade um collegio, em que se hão de ter todas as artes, do qual ha de ser principal o doutor mestre André de Gouvea, que para isso mandei vir de França com alguns lentes que logo trouxe consigo para o dito collegio, e por não haver n'essa cidade aposentamento conveniente para elle, em que logo se possa recolher, como é necessario, vos rogo que me queiraes para isso emprestar e largar as casas e aposentamento dos dous collegios que esse mosteiro tem feito de novo, em quanto se não fizerem as que tenho ordenado de mandar fazer, para o dito collegio. E vos encomendo muito que vós e o vosso convento dos conegos sejaes d'isto muito contentes, pois convêm a meu serviço e bem d'essa nova universidade e que mandeis logo entregar os ditos collegios e as casas d'elles á pessoa que o dito mestre André de Gouvêa a isso manda. Os quaes collegios e casa vos eu mandarei despejar e tomar tanto que forem feitas as casas que mande fazer para o dito collegio, que será o mais cedo que poder ser. E os collegiaes que nos ditos collegios estão, tornareis a recolher nos seus aposentos e collegios antigos dentro d'esse mosteiro.

E de assim o fazedes logo receberei contentamento e vol-o agradecer e terei em muito serviço. Balthazar da Costa a fez em Lisboa, a 9 dias de setembro de 1547. Manoel da Costa o fez escrever. Rei..

Não podemos, porque o espaço nos escaceia, narrar outros factos praticados por descendentes de tão nobre familia que subiram aos mais elevados cargos, nos estados ecclesiastico, civil e militar.

Fallecendo o conde Fernando, segundo de nome, sem descendentes, a casa da Feira, com todos os seus bens, passou para a *Casa do Infantado*, vindo o corregedor de Esgueira, dr. Manuel Rodrigues de Figueiredo, como procurador do celebre infante D. Francisco, irmão d'el-rei D. João V, em 19 de maio de 1708, tomar posse d'ella.

A *Casa do Infantado* foi instituida por D. João IV e tinha privilegios e prerogativas eguaes á Casa de Bragança, sendo doada por elle a seu filho D. Pedro.

Muitos bens lhe foram dados, entre os quaes tudo o que se confiscou ao marquez de Villa Real e ao duque de Caminha, seu filho, condemnados por conspirarem contra el-rei D. João IV.

Tambem lhe foi reunido o Grão Priorado do Crato.

Os muitos documentos que d'esta casa existem na *Torre do Tombo* são um poderoso auxiliar para a historia de nossas terras de Portugal de que se não póde tratar, seguramente, sem os consultar.

Nada ha escripto, sobre a tundação do castello da Feira, que possa servir de base segura a afirmações que fiquem sem a pécha de mera presumpção.

Fala-se muito d'elle; em varias illustrações nacionaes e estrangeiras tem sido *estampado*, figurando até no celebre livro do allemão Albrecht Haupt, *A Architectura da Renascença em Portugal*, no qual se vêem os mais celebres monumentos do paiz.

Um poeta deu-lhe origem arabe e pôz debruçadas sobre as suas ameias lindas mouras contemplando o luar.

O auctor do *Céo Aberto na Terra* tambem lhe dá a mesma origem e refere se a elle, nos seguintes termos: "Morada muitos annos dos condes que tanto com a sua presença o ennobreceram e illustraram, quanto ao depois a sua ausencia o arruinou e destruiu, ficando acervo de ruinas o que fôra monte de grandezas e despojo lastimoso do tempo o que fôra emprego agradável dos olhos."

Ha quem escorraçando de lá os mouros affirme que foram os godos os seus fundadores, reforçando essa opinião com as setteiras, em forma de cruz.

Os archeologos que deslindem essa questão.

Em maio de 1852 el-rei D. Fernando passou pela villa da Feira e visitou o castello. Chegando perto d'um sarcophago, que está junto d'este, disse que elle era franco e mostrou umas flores de liz que n'elle se vêem.

Devemos esta informação ao ex.^{mo} sr. conselheiro Joaquim d'Almeida Corrêa Leal que, tendo terminado a sua formatura no anno anterior, vivia na villa da Feira e acompanhou D. Fernando.

Tal sarcophago lá está abandonado e, só por milagre, inteiro!

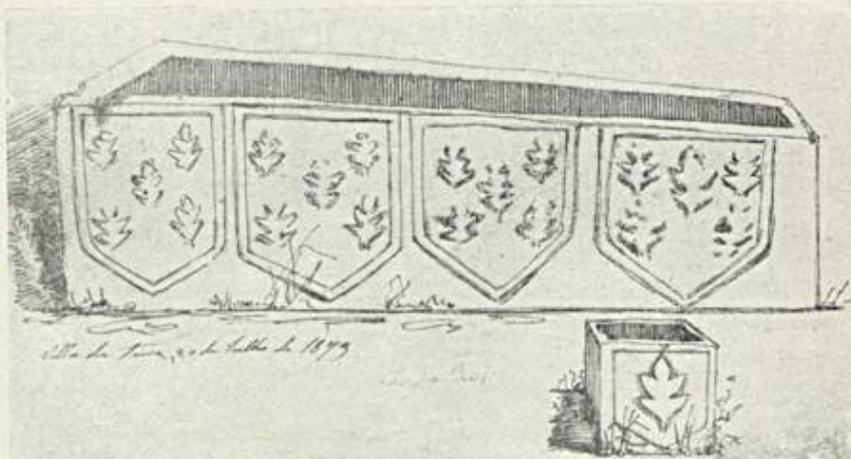
A maior parte dos individuos, que visitam o castello, o considera uma pia.

O nosso amigo Antonio Montenegro dos Santos, notario em Espinho, apaixonado colleccionador de objectos artisticos e archeologicos, adquiriu um desenho d'esse sarcophago, feito em 20 de julho de 1873, por Soares dos Reis e do qual mandámos fazer um cliché. Espinho, 26 de novembro de 1908.

José Pinto da Silva Ventura.

BIBLIOTHECAS

As mais antigas pertenceram aos hebreus; continham as taboas da lei, os livros de Moysés e os dos prophetas. A primeira colleção de livros, de que a historia faz menção, é a que fundou Osymandias, um dos primeiros reis do Egypto, doze seculos antes da nossa era. Havia uma em Memphis, no templo de Vulcano, mas a mais rica da antiguidade foi a de Ptolomeu, em Alexandria, que continha 54:800 volumes, entre impressos e manuscritos. Depois de haver sido queimada no tempo de Cezar, foi de novo organizada; chegou a ter 700:000 volumes, e foi outra vez queimada no anno 650 por ordem do califa Omar. Constantino, em 336, fundou a bibliotheca de Constantinopla, com 120:000 volumes. Os barbaros destruíram quantas encontraram na Europa. Apenas alguns mosteiros conservaram restos de livrarias, que nos foram transmittidas.



Villa da Feira. — Sarcophago que existe junto ao castello
Desenho de Soares dos Reis)

O NOVO MINISTERIO



Conselheiro Campos Henriques
Presidente do Conselho e Ministro do Reino



Conselheiro Wenceslau de Lima
Ministro dos Negocios Estrangeiros



Conselheiro Affonso Espgueira
Ministro da Fazenda



General Sebastião Telles
Ministro da Guerra



Conselheiro Antonio Cabral
Ministro da Marinha



D. João de Alarcão
Ministro da Justiça



D. Luiz de Castro
Ministro das Obras Publicas

O novo ministerio

Campos Henriques

Na verdade, em circumstancias singulares assume pela primeira vez a chefia de um governo o sr. conselheiro Campos Henriques. Singulares porque, depois de vêr fracassadas as diligencias de alguns para a organização de um ministerio e de ter assistido à invencível recusa de outros em aceitar das mãos d'El-rei o encargo tão honroso como difficil, acceitou-o elle, sabendo de antemão que o chefe e alguns marechaes do seu partido eram seus inimigos d'essa hora em diante.

Não levará tempo a fazer-se a liquidação das responsabilidades, sendo prematuros todos os commentarios e antecipadas todas as apreciações acerca de um acontecimento politico que tem a gravidade e a importancia d'este. Outros que as façam, que os interessados na refrega se batam com denodo e levem para o campo das represalias doestos e accusações de lado a lado. E' bem outro o nosso papel, que se limita a registar o acontecimento culminante dos ultimos dias, e a reproduzir estas palavras sinceramente escriptas, e publicadas nas columnas do *Brasil-Portugal* de 15 de fevereiro de 1908: «o sr. conselheiro Campos Henriques é uma d'estas individualidades que se impõem á consideração de todos pela cultura da intelligencia, pelo fino tacto de estadista, por serviços á nação, que elle ama profundamente, prestados tanto na magistratura como na gerencia dos negocios publicos e pelos mais requintados primores de educação pessoal.»

D. João de Alarcão

A amizade pessoal e a dedicação politica do actual ministro da justiça pelo chefe do seu partido são tão reconhecidas e evidenciadas que o nome illustre do ministro retine aos nossos ouvidos como o pseudonymo do nome illustre do chefe. Estas qualidades, requintadas até aos extremos, não deslustram, pelo contrario, aprimoram e realçam o caracter do homem. Não duvidamos acreditar que para o sr. D. João de Alarcão represente um sacrificio a sua entrada no ministerio, como não ha muito ainda fôra um sacrificio a sua entrada na reitoria da Universidade, como não menor o fôra a conservação n'aquelle logar.

Sacrificio ou não, lá está pela segunda vez nos conselhos da corôa, e n'um posto que parecendo ser o de menos cancelas é talvez hoje o de maiores responsabilidades.

Manuel Affonso Espregueira

Foi no governo transacto o ministro mais combatido, e o combate contra elle tomou as proporções do insulto. Os seus adversarios de hontem são os seus adversarios de hoje, hoje talvez mais encarniçados ainda do que hontem, accrescendo tambem que alguns dos que o defenderam passaram para a legião dos que o atacaram. Conhece-os bem a todos e sabe tudo isto á maravilha o velho ministro progressista.

O sr. Espregueira traz para o governo, ao que dizem, um plano financeiro, tem mais de setenta annos, é ministro pela quarta vez, já para elle se deve ter exgotado ha muito o cofre das velleidades e das surpresas, e apezar de tudo isto, acceitou novamente a pasta da fazenda!

Pôde haver alguém que se recuse a ter admirações pelo seu talento, pela sua capacidade de estadista! E' possível. A sua resistencia é que não ha ninguem que não admire — vamos jura-lo.

Sebastião Telles

Está onde estava. Está de novo á frente do exercito portuguez. E n'esta situação actual está ao mesmo tempo a demonstração do seu patriotismo e da sua modestia. Não quiz acceitar a presidencia do conselho. Não quiz recusar o convite para ministro da guerra. No primeiro caso reconheceu com sinceridade que lhe escassejavam

elementos e confessou-o. No segundo entendeu com igual sinceridade que recusar a sua cooperação a um governo que em tão excepcionaes condições se apresentava era um crime de lesa patriotismo. Critério elevado e obediencia partidaria foram os principaes factores que entraram em tão louvavel resolução.

Wenceslau de Lima

Do illustre ministro dos estrangeiros disse-se n'este jornal quando elle foi chamado a gerir a mesma pasta no ministerio transacto:

«Pelos seus talentos, pela sua finura diplomatica, pelos seus serviços em tantas conjuncturas nacionaes, prestados em anteriores ministerios, a personalidade politica que mais se impunha para assumir a pasta dos estrangeiros era, sem a menor duvida, o sr. conselheiro Wenceslau de Lima. Foi um amigo pessoal do finado rei, é um servidor leal da monarchia, é um portuguez de coração e alma, porá consequentemente a sua força e todo o seu prestigio ao serviço do throno, que uma tragedia sangrenta tornou n'este momento respeitado e querido de todos os que amam até ao sacrificio a sua patria.»

Este raciocinio vieram os factos confirmal-o. Ahí está o tratado com a Alemanha, ahí estão as palavras ha pouco proferidas no Porto pelo sr. Wenceslau de Lima, as quaes nos dão a probabilidade de virem a ser firmados tratados commerciaes com a Inglaterra e com a França, a demonstrar-nos que a pasta dos estrangeiros continua felizmente em mãos leaes, firmes e experimentadas.

Antonio Cabral

O actual titular da pasta da marinha e do ultramar já foi ministro das obras publicas, tem sido deputado em muitas legislaturas, *leader* progressista, tem tomado parte activa em importantes commissões, e tem feito jornalismo politico.

Em tantos e taes campos de actividade, a vontade, a energia, tem sido as qualidades predominantes, os elementos de destaque na personalidade do sr. conselheiro Antonio Cabral, elementos que lhe deram na politica portugueza o alto logar que hoje occupa. Na pasta da marinha e ultramar são tão grandes as suas responsabilidades que não podem ser maiores. Os problemas coloniaes são cada vez mais vastos e difficéis, e o official superior da armada que esteve até ha poucos dias á frente dos seus destinos sabe bem quantos esforços empregou, quantas diligencias poz em acção, quantos dissabores soffreu, ao procurar a solução de alguns d'esses problemas, que mais se prendiam ao interesse geral da patria.

Juntamente com o são criterio, de que tem dado provas, com a prudencia que é indispensavel, possa o novo ministro empregar as suas qualidades primaciaes e tornar util e fecunda a sua passagem pela pasta dos negocios do ultramar.

D. Luiz de Castro

O novo ministro das obras publicas é um velho conhecido e amigo do *Brasil-Portugal* e dos directores d'este Revista, que á sua penna sabedora e elegante deve alguns artigos primorosos. Conheceu-o quem escreve estas palavras no momento em que a vida se inicia com todos os seus problemas e todas as suas incertezas. E' o periodo juvenil em que desabrocha a intelligencia de forma a tornar-se dentro em pouco uma esperanza. Quantos annos já lá vão! N'esse nobre solar da Beselga, em que os srs. condes de Nova-Gôa sabiam honrar como ninguem a velha tradição da hospitalidade portugueza, duas formosas creanças, seus filhos, a pequenina Gy e seu irmão D. Luiz, eram a alegria d'essa casa e o encanto dos seus hospedes familiares, entre os quaes se contavam o grande infeli: Julio Machado e outro que não foi menos infeliz, o professor José Julio Rodrigues, Manuel d'Arriaga, o conde de Monsaraz e o auctor d'estas linhas.

Correram os tempos, a creança fez-se homem, o homem creou um nome, e esse nome tem por base um trabalho serio e de valor, e por ideal a regeneração da agricultura portugueza. No parlamento, nas columnas dos jornaes, na cadeira de professor, D. Luiz de Castro enriqueceu com o valor proprio a tradição nobre da sua familia, e pode orgulhar-se, ao subir pela primeira vez aos conselhos da corôa, d'este caso extranho — não haver uma opinião discordante, não haver quem diga que d'esta vez não está no logar que lhe compete o ministro da agricultura e das obras publicas.



Conde de Tattenbach
Ex-ministro da Alemanha em Portugal

Raros diplomatas teem deixado, como o illustre ministro da Alemanha, tão assignalado vestigio da sua residencia em Portugal. O tratado commercial com esse grande paiz, que honra igualmente o plenipotenciario que o assignou e os dois governos que o celebraram, deixará para sempre na memoria dos portuguezes o nome do sr. Conde de Tattenbach, que El-Rei justamente agradeceu com a grã-cruz de Christo.

Politica internacional

Chegados ao fim de um anno tão movimentado, no que diz respeito á politica internacional, e que de si deixará sob este ponto de vista tão fundo sulco na historia, parece-nos opportuno passar em revista a situação das principaes nações europeias n'este findar de 1908. Poderemos assim abranger n'um golpe de vista de conjuncto os resultados que para cada uma d'ellas teve a serie de acontecimentos, que os leitores do *Brasil-Portugal* viram desenrolar-se quinzenalmente nas chronicas da *Politica internacional* e dos quaes faremos um resumo na proxima chronica.

Começando pela Hespanha, a sua situação interna é hoje inteiramente dominada pela questão catalã, por mais que os politicos officiaes de Madrid affectem indifferença com respeito a esta questão, que em si encerra o futuro politico da nação vizinha. Com uma previdencia, que faz honra ao seu tino governativo, o sr. Maura, apesar de conservador ou reaccionario se quizerem, comprehendeu esta verdade e d'ahi o procedimento do governo por elle presidido para com a Catalunha. Procurou entender-se com alguns elementos solidarios, fez questão do projecto de autonomia local, e levou a bom termo as visitas do rei a Barcelona, com o fim manifesto de attenuar o mais possivel os sentimentos separatistas do principado. Foi por isso acerbamente criticado e combatido pelos liberaes do sr. Moret e Canalejas, os quaes não se cançam de evocar o espectro da desintegração nacional.

Salmeron tinha visto melhor o problema, que os demais republicanos tambem não comprehendem, collocando-se á frente da «solidariedade» para a encaminhar e porventura conter quando este movimento representasse perigo real para a unidade da Hespanha. Morto o grande caudillo republicano a «solidariedade» sofre o primeiro

importante revez nas eleições que acabam de se realisar, onde triumpham em toda a linha os anti-solidarios, isto é, os que continuam a querer contrariar as aspirações da Catalunha, submettendo-as ao criterio do centralismo castelhanao. Que vae acontecer? O que é natural que aconteça, e que sempre tem acontecido em casos analogos. A «solidariedade» era uma valvula de segurança. Bem encaminhada e prudentemente dirigida limitar-se-hia a preparar uma larga descentralisação, a chegar mesmo até á autonomia administrativa da Catalunha, e tudo leva a crêr que pararia ali, vendo realisados os seus mais justificados desejos. A lucta entre o principado e a burocracia de Madrid amortecer-se-hia, dando logar a relações mais normaes entre castelhanos e catalães.

Pelo contrario, derrotado o movimento da «solidariedade», e saudada esta derrota na capital, entre os politicos officiaes dos partidos do governo e até entre muitos dos republicanos, como o triumpho da causa nacional, a lucta em Barcelona entre os dois elementos vae agravar-se de novo, e as aspirações autonomistas da «solidariedade» assim contrariadas, vão converter-se em aspirações separatistas. E' a historia de todas as ideias perseguidas. De modo que o descabelo eleitoral da «solidariedade» veio, quanto a nós, agravar outra vez a questão catalã, que, ou ha-de ser resolvida conforme a justiça o requer, ou se converterá n'uma permanente causa de desasocego e de perturbação para a Hespanha. Quando um povo chega ao grão de desenvolvimento scientifico, artistico e industrial a que a Catalunha chegou, é locura suppôr que os processos rotineiros de qualquer burocracia pôdem continuar a suffocal-o.

Em França é a questão de Marrocos a que continua a dominar todas as outras, quer de ordem interna quer de ordem externa. E' ainda esta questão a que absorve quasi completamente as attentões do governo de Paris, não permitindo que a republica represente no actual conflicto balkanico senão um papel bastante apagado. E esta questão de Marrocos, graças á politica seguida pela Alemanha, renasce todos os dias sob diversas fórmas. Houve quem suppozesse que a conferencia de Algeciras tinha posto fim ás possibilidades de desacordo entre a França e o Imperio allemão. Esses, que assim pensavam, enganaram-se completamente. Sem contar com os pequenos attrictos que nunca tem deixado de haver entre os dois governos, ha poucas semanas a questão dos desertores da Casa Branca esteve prestes a provocar uma guerra. Mercê da attitude firme do sr. Clemenceau e da posição decidida em que se collocaram a Inglaterra e a Russia o conflicto apasiguou-se, prescindindo a Alemanha das desculpas que exigia e concordando em entregar a resolução do assumpto a uma arbitragem. Pois ainda bem esta questão não está resolvida, que já outra começa a divisar-se no horisonte, a proposito das



O novo sultão de Marrocos

operações militares que a França está realisando na fronteira algero-marroquina. A imprensa allemã principia em tom agri-doce a occupar-se do assumpto e não tarda que os ares comecem outra vez a toldar-se.

O que tudo isto prova é como está latente, esperando apenas pelo momento opportuno para se manifestar, um grave conflicto entre as duas nações. Não admira, pois, que a questão marroquina absorva

todas as atenções em França. O que é também evidente é que esta questão tem o seu reflexo na politica interna da republica, contribuindo para a permanencia no poder do ministerio Clemenceau.

Na Allemanha tanto a situação interna como a externa apresentam-se incoherentes e obscuras. Na politica exterior a posição da Allemanha não pôde ser mais embaraçosa. Por um lado a sua alliança com a Austria-Hungria e, mais do que a alliança, os interesses que em commum tem com esta potencia, levam-n'a a apoiar o ponto de vista austriaco na questão da annexação da Bosnia e da Herzegovina. Mas por outro lado os interesses também importantes que tem na Turquia e o receio de alienar definitivamente as boas graças d'esta nação, obrigando-a a lançar-se nos braços da Inglaterra e da Russia, levam-n'a a evitar o tomar abertamente posição contra os jovens turcos. Era em qualquer hypothese uma situação difficil. Muito mais o é, porém, dada as hesitações da Italia e a franca attitude da Inglaterra, que é a nação que representa o grande papel no actual conflicto oriental.

Para tornar ainda mais precaria a presente orientação internacional da Allemanha, vem o conflicto interno, desencadeado a proposito da entrevista publicada no *Daily Telegraph*, complicar o que já sem isso tão embrulhado estava. Não ha duvida que a publicação d'essa entrevista, e os factos que se lhe seguiram, representam fundo golpe no prestigio do Imperio. O imperador ficou mal com todos; o chanceller, apesar da sua tão apregoada victoria na conferencia com o Kaiser, perdeu uma grande parte da sua auctoridade e apenas addiôu por algum tempo a sua retirada definitiva; o Reichstag depois do bello movimento de protesto, que tanto o levantou no conceito europeu, não soube conservar-se á altura da situação. Sómente quem soube tirar partido do acontecido e com elle lucrôu foram os socialistas. Mas é exactamente esta circumstancia que torna a situação mais difficil para toda a acção governamental allemã em geral e em especial para a acção diplomatica.

A situação da Inglaterra no actual momento é deveras singular. Na politica externa pode dizer-se que o gabinete de Londres é hoje o centro de toda a politica europeia. Nunca, nem no tempo de lord Palmerston ou de lord Beaconsfield, foi a posição internacional da Grã-Bretanha tão proeminente. Em compensação ha muito tempo que não ha, no que diz respeito á politica interna, um governo inglez tão fraco como o presidido pelo sr. Asquith. Não só a maioria que o apoia é bastante heterogenea, obrigando-o a continuas fluctuações da extrema direita do partido á sua extrema esquerda, como ainda as suas relações com a camara dos lords são de tal maneira tensas que não ha meio de elle fazer passar uma unica das medidas mais importantes do seu programma. Assim o «bill» da instrucção e o «license bill» ficaram ambos enterrados na camara alta. Além d'isso, e para lhe dar uma indicação do estado da opinião do paiz, ha mezes que as eleições parciais lhe estão sendo systematicamente contrarias. Ainda se comprehendia que com uma opinião publica favoravel o governo se podesse abalançar a uma luta aberta contra os lords, provocando a dissolução e fazendo as novas eleições exactamente sobre essa questão. Mas com os collegios eleitoraes em opposição o appello ao paiz ha-de ser-lhe fatal, senão derrubando-o desde logo, pelo menos enfraquecendo-o ainda mais. N'estes termos não é difficil de prevêêr a proxima volta ao poder dos conservadores e segundo todas as probabilidades o esphacelamento do partido liberal, que não resistirá decerto, dadas as diferentes correntes que internamente o minam, a este fiasco.

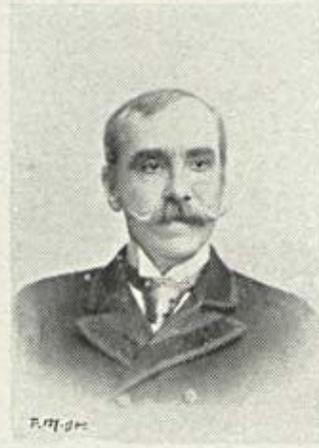
A subida dos conservadores vae ainda mais afirmar a preponderancia da Inglaterra na politica internacional. Por um lado a *entente cordiale* vae cobrar nova força, e pelo outro o latente conflicto com a Allemanha vae agravar-se. As velleidades philantropicas e pacifistas dos radicaes hão de ser substituidas por uma maior actividade nos arsenaes, para compensar a marinha do que ella acaba de perder durante a administração liberal. Não se falará mais em propostas de desarmamento ou de redução das despesas militares. E outra circumstancia virá ainda contribuir para tornar mais aspero o conflicto anglo-allemão — o advento de uma politica protectionista, a que pelas suas declarações está obrigado o sr. Balfour, e que será uma arma mais a brandir contra os interesses da Allemanha. E' esta a presente situação do Reino-Unido e a que é facil prophetisar para um proximo futuro.

Resta-nos falar da situação da Italia e da Russia. A primeira debate-se nas incertezas que a actual questão balkanica ainda mais augmentou. Continuará a politica italiana accorrenda á Triplice-Alliança, ou antes á Allemanha, que lhe impõe forçada renuncia ás suas historicas reivindicções? Desligar-se-ha ella pelo contrario da alliança dos dois imperios, e entrará no grupo anglo-russo-francez, para onde a impellem as manifestações da opinião publica?

Tambem a Russia está em vespéras de mudar a orientação da sua politica internacional. Desfeito o antigo e doloroso sonho das aventuras do Extremo-Oriente, offerece-se-lhe o ensejo de voltar á sua tradicional politica de protectora dos estados balkanicos e de defensora de slavismo contra as investidas da influencia germanica. Te-

rão os seus estadistas a providencia de seguir corajosamente por este caminho, accetando todas as consequências da nova orientação, uma das quaes será um accordo mais intimo e porventura uma alliança declarada com a Inglaterra?

CONSIGLIERI PEDROSO.



Dr. Gosta Motta
Ministro do Brasil em Portugal

As nossas mais cordaes boas vindas ao illustre representante do Brasil, velho amigo de Portugal, que com a sua presença, a sua affabilidade, e o seu valor pessoal, vem estreitar mais ainda as relações entre os dois paizes.



THEATROS

S. Carlos, A epoca actual. — D. Amélia, O Rei da Gofanha. — D. Maria, Beijoz por lagrimas. — Gymnasio, O Olho da Providencia. — Trindade, Carmen. — Principe Real, Frei Luiz de Souza. — Avenida, A Bota do Diabo. — Rua dos Condes, O Cacharoleto. — Colyseu dos Recreios, Variedades.

Desejariamos dizer bem da nova empreza de S. Carlos mas desejaríamos também que os assignates do theatro lyrico se não rissem de nós. E como não ha já um que não diga mal, cumpre-nos a nós dizer... a verdade. E a verdade é que... não podemos dizer bem, graças á nova administração que parece andar apostada em que todos digam... mal. E a verdade que temos de dizer é que a Empreza descursa, mais do que é permitido, os interesses dos espectadores e até... os proprios. Com estes ninguem tem nada senão ella, é claro, e lá se avenha, pode ter o theatro fechado quantas noites lhe approuver, mas com os outros, com os que pagam a entrada ou que já a pagaram, muda o caso de figura.

Com a apresentação da Companhia franceza — novidade em Lisboa — com as inolvidaveis noites da Carré, com os espectaculos do *Caminheiro* e a batuta de Leroux, seria injusto não confessar que algum beneficio ao publico e ao theatro veio prestar a empreza nova. E o que é pena é que d'ahi em diante haja mais para lamentar do que para louvar. Embebida n'essas glorias e na gloria não somenos do tapete berrante do salão e das columnas de madeira que são marmore por uma pena, fazendo tudo isto um casamento de mão esquerda com a severidade grandiosa e antiga da sala de espectaculos, a Empreza como diziamos, esqueceu-se do resto, ou antes, não teve tempo de pensar nos assignantes, ou melhor ainda... não valia a pena. E assim é que, tendo ahí ha 15 dias a companhia italiana, o theatro está fechado dias a seguir, operas duas por junto, ambas sem tenores que prestem e uma que cae redondamente, com a circumstancia agravante de ser o *Trovador*, que tem mais cabelos brancos que Mathusalem e que só justificaria o ser arrancado do archivo se a Empreza tivesse á mão um grande tenor capaz de dar o dó de peito á altura, e o sr. Scampini não deu o dó mas em compensação... fez dó.

Nem todas as verdades se dizem, bem sabemos, e melhor o sabe a empreza de S. Carlos que em roda de si não tem visto a incensal-a senão uma turma de amigos... de Peniche. A nossa divisa é outra:

amicus Plato sed magis amica veritas. E a propósito—olhem que não lhe vamos perguntar se ouviram um tiro—para applicar *el cuento*. Não. A propósito de S. Carlos não pensamos no tiro, pensamos na velha. A velha—hão de lembrar-se—é aquella que, estando um dia a chorar muito, lhe perguntaram porque chorava:

—Choro pelo defunto rei, respondeu ella em soluços.



Theatro da Trindade. — Delphina Victor

—Era tão mau, era um tyranno, e ainda chora por elle?

—Que quer, meu senhor, respondeu a velhinha, com a idade que Deus me deu conheci o avô. Era muito mau. Conheci o pae, ainda era peor. O rei que morreu agora era peor que os dois. Que virá a ser o que está para vir? E aqui tem porque eu choro.

Depois da recita de auctor em que o sr. Faustino da Fonseca recebeu no theatro de **D. Maria**, de admiradores e amigos, a consagração dos seus meritos, tem continuado em scena a peça *Beijos por Lagrimas*, que já deu cerca de trinta recitas e que vae ser retirada para dar lugar ao original em 5 actos do sr. Maximilliano de Azevedo, *Rosinha do Castello*.

D. Amelia vae de vento em pópa. Das tres peças novas d'esta época qual é a melhor? Nunca foi tão flagrante *l'embaras du choix*.

Não houve ainda resposta mais difficil. E' que a empresa d'aquelle theatro, conhecendo como ninguem o publico, tem o segredo da escolha das peças. E ahí tem por que as viagens do sr. visconde de S. Luiz Braga ao estrangeiro se lhe são pessoalmente agradaveis a elle, são de manifesta utilidade para o publico. E' que o intelligente empresario arranhou esta divisa «ver e crer como S. Thomé.» Não ha em Paris theatro a que elle não vá, peça que elle não veja. E se acaso falta a alguma, lá tem o seu acolyto, o seu indispensavel secretario de quem se pode dizer, paraphraseando o que se dizia do irmão do Latino, que o Antonio Manuel vê tudo o que o visconde vê e mais aquillo que elle se esqueceu de vêr. A essa *dupla vista* devemos por emquanto—e ainda a missa vae a Santos—*O Ladrão, O noivo de minha mulher* e a peça que ainda está em scena—*O rei da Gafanha*, a que Machado Correia conservou a graça do original, pondo-lhe tambem originalidade de sua casa, parte da qual consistiu nada mais e nada menos, em tornar rei da peça um rei de Portugal, visto que a Gafanha se a chorographia não mente e se bem nos lembramos, fica ali no districto de Aveiro.

Que encantadora peça, que esfusiar de ditos, que carapuças tão bem postas, que originalidade de situações, que torrente de espirito! D'aquillo—convençam-se—só é capaz o espirito gauléz.

Só a França traz para o palco aquelles personagens, aquelles imprevistos, aquella graça toda, só ella consegue vulgarisal-a pelo mundo inteiro porque só ella sabe achar a fórma de fazer interessar pelas suas creações, pelo seu humorismo, pela sua critica, pela sua graça enfim, os publicos de todas as nacionalidades.

Justo é dizer tambem que se esses papeis não fossem confiados a artistas como Augusto Rosa, Chaby, Angela Pinto, José Ricardo, Alves, Pinheiro, Emilia de Oliveira, Alexandre de Azevedo e alguns auxiliares de valor, teriam passado despercebidas muitas das intenções e incompreendidos muitos dos famosos ditos da peça de Cailvet, Robert de Flers e Emmanuel d'Arène.

Para breve annuncia-nos a empresa *O chá das cinco horas*, original em cinco actos de Augusto de Castro, e nos primeiros dias d'este mez a apresentação de Mayol. E' uma celebridade estrangeira que ainda nos faltava ver. E' ainda a empresa do **D. Amelia** que veio preencher esta lacuna. Muito agradecidos.

No **Gymnasio** está fazendo as delicias do seu publico *O otho da*

Providencia, a comedia mais engraçada nos ultimos tempos representada n'aquelle theatro. E' uma verdadeira fabrica de gargalhadas que se deve a dois portuguezes os srs. Xavier Rodrigues e João Bastos, que não podem deixar de ser considerados benemeritos para todos aquelles que vão procurar no theatro desopilar o figado e esquecer por momentos as miserias da vida.

Com o seu feitiço comico, Valle, Cardoso, Jesuina e Alegrim, contribuíram largamente para o grande exito que a peça obteve.

Na **Trindade** continúa a *Carmen* a carreira gloriosa das operas accomodadas á scena portugueza. E á empresa que tanto tem conseguido, seria injustiça flagrante regatear louvores. A *Carmen* reúne todas as condições para o excepcional exito obtido. Excepcional é a riqueza com que está posta em scena, o luxo do guarda roupa, os primores da scenographia. O maestro Filgueiras rege a orchestra com tanta sciencia e *bravura* que o publico lhe dirige applausos especiaes. E no desempenho dão singular relevo aos personagens Delphina Victor com a sua magnifica voz e graça natural, Isabel Fragosa com a sua rigorosa afinação e sciencia de canto, Bensaude, o barytono que sempre se distingue, e Julio Camara que progride de dia para dia, todas as noites recebem do publico os applausos calorosos que o seu trabalho justifica.

Brazão e Ferreira da Silva elevaram o **Príncipe Real** a theatro de primeira classe. Nunca veio tão a propósito dizer-se que são os artistas que fazem os theatros e não os theatros que fazem os artistas. Ao mesmo tempo elevam o arte e educam o povo. A Mouraria, *habitué* dos dramalhões de faca, ou punhal, lá se vê todas as noites nos seus logares favoritos, nos seus logares baratos, a applaudir as scenas lancinantes do *Frei Luiz de Sousa*, tão magistralmente representadas por Brazão, Ferreira da Silva, Alvaro, Adelia Pereira, Pato Moniz e Maria Falcão.

As classes menos abastadas não podia prestar melhor serviço a empresa do **Príncipe Real**, não inferior ao que presta aos mais exigentes, aos que só se contentam quando vêem as grandes peças confiadas a grandes artistas.

O **Avenida** que tem em scena a *Bota do Diabo*, peça phantastica do dr. Avelino de Andrade com musica da *maestrina* D. Francisca Gonzaga, ambos brasileiros, prepara o seu repertorio para a *tournee* que em abril proximo projecta fazer ao Brasil.

Entre essas peças figura a *Serena*, transformada em opereta por Julio Dantas e André Brun, quasi a subir á scena.

A **Rua dos Condes** continúa todas as noites a servir o *Cacha-rolete* ao seu publico, que lhe tomou o gosto a ponto de encher o theatro todas as noites, não só para saborear os ditos e as graças da chistosa peça, mas tambem para applaudir Joaquim de Almeida no seu comico personagem e na alegre originalidade do seu desempenho.

E com o **Colyseu dos Recreios** fechamos a série das casas de espectáculo de Lisboa, podendo mais uma vez dizer-se que fechamos com chave de ouro. A época tem sido brilhante, mais talvez do que

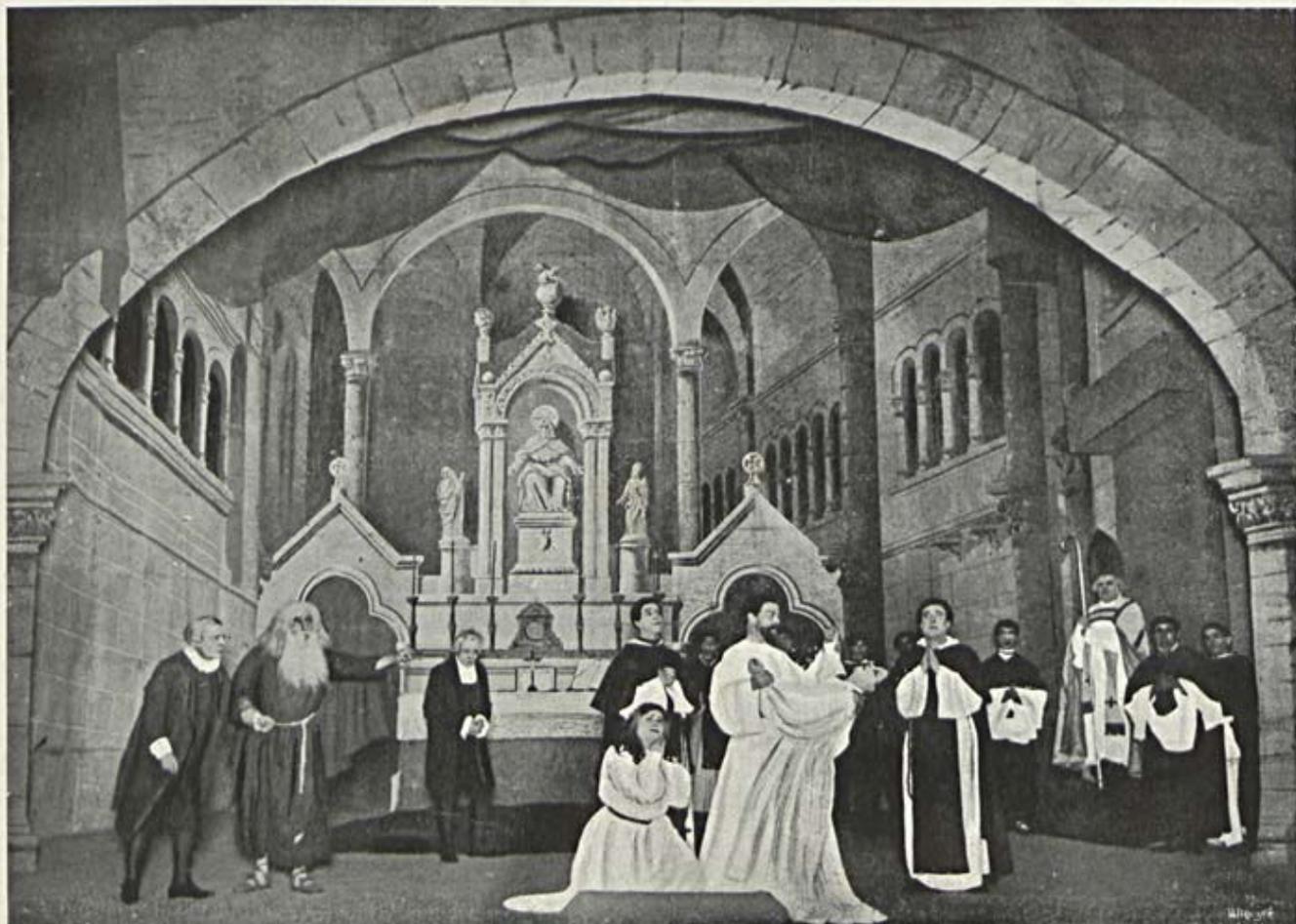


Theatro da Trindade. — Julio Camara

as anteriores, porque a sciencia do *metier* de Antonio Santos progride de anno para anno, tal é a variedade dos espectaculos, as novidades apresentadas todas as segundas feiras, a escolha de artistas, e os numeros sempre interessantes de cada espectáculo.

O publico enchendo o vasto recinto sabe premiar os esforços do intelligente empresario.

JAYME VICTOR.



D. Maria II. — "Beijos por lagrimas". — 4.º acto



(Cl. chás de A. C. Lima).